

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
Relatório sobre a visita ao Hospital Colônia de Itapuã



Daiane Benka / Fernanda Fleck / Fernanda Rosa / Rita Débora Batista

O que mais nos chamou a atenção nesta visita ao Hospital Colônia de Itapuã, foi a organização do local, o espaço físico, a limpeza e como os pacientes que residem lá são tratados de forma Humanizada, eles têm uma ótima qualidade de vida, vivem em um espaço limpo e muito agradável, lamentamos pela falta de recursos e incentivos do governo para a manutenção do local, já que é considerado em nossa visão um patrimônio histórico, que possui uma história de vida de cada paciente que lá foi internando, famílias inteiras que fizeram de lá sua única forma de viver com dignidade.

O HCI é um lugar grande e rico em belezas naturais, que se houvesse um bom investimento, o espaço que existe é muito rico, poderia ser reutilizado para outras recuperações como de drogatitos e alcoolistas.

Neste lugar podemos perceber que a Saúde Pública tem muitos aspectos positivos, nos emocionamos com a forma como aqueles pacientes foram e são tratados, que pessoas interessados como o DR. que nos apresentou o lugar lutam pela humanização e dignidade de se tratar uma doença, tentar aproximar o paciente o mais próximo da sociedade, da vida real, esta humanização é que faz a diferença e que não importa a doença mas sim que todos têm que ser respeitados e viver com dignidade em um ambiente limpo e saudável.

Relato da visita técnica

No dia 23 de junho a professora Renita juntamente com os acadêmicos do Curso de enfermagem da disciplina de saúde coletiva realizaram mais uma visita técnica nas dependências do Hospital Colônia de Itapuã, localizado no Município de Viamão, próximo ao bairro Lami de Porto Alegre.

O Hospital Colônia Itapuã foi construído, no distrito de Itapuã, distante 60 km da capital do Estado, Porto Alegre. A inauguração do Hospital ocorreu em 11 de maio de 1940, mantido pelo Estado, com área de 1.527 hectares e 172 prédios e chegou a abrigar 800 pessoas. O referido leprosário obedecia a um padrão nacional e era dividido em três zonas: a limpa, destinada à moradia dos funcionários saudáveis; a intermediária, onde funcionaria a administração e a zona suja, destinada a habitação dos doentes.

Na chamada área limpa, estavam: o prédio da administração; a usina hidráulica; a padaria; as residências para os médicos e funcionários e outros serviços. Foram instalados, também, residências para as Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã bem como para o capelão da colônia. Na área suja existiam 18 pavilhões, uma igreja católica e uma luterana, um hospital e um cemitério, dando a colônia um caráter de autonomia.

Com o fim do isolamento compulsório, em 1954, as altas tornaram-se freqüentes, com isso, os pacientes poderiam voltar aos seus locais de origem, resultando, em 1960, na queda de mais de 50% da população da colônia. Muitos foram os pacientes que saíram do local, na intenção de retornarem para seus locais de origem, mas o preconceito em relação à doença estava dentro de suas famílias, entre seus amigos, e, sobretudo, na busca por atividades profissionais. Alguns mudaram o próprio nome, na tentativa de burlar o preconceito. Outros optaram por cidades bem distantes das suas de origem, onde não seriam reconhecidos. Muitos pacientes não conseguiram sobreviver economicamente fora da colônia e acabaram retornando e, junto com aqueles que nunca saíram, a transformaram em local de moradia. A lei contra a internação compulsória não teve capacidade de devolver a dignidade às pessoas que foram brutalmente segregadas da sociedade e pela própria sociedade.

Atualmente, vivem no Hospital Colônia Itapuã, cerca de cem moradores entre ex-hansenianos e pacientes oriundos do Hospital Psiquiátrico São Pedro, que ocuparam os espaços ociosos da colônia, desde 1972. Naquele período, havia um discurso psiquiátrico que visava à reabilitação do doente mental através do trabalho e, também, em virtude da superlotação do Hospital São Pedro, inaugurando, desta forma, o Centro Agrícola de Reabilitação.

A Instituição completou 70 anos em maio de 2010, e continua sendo a casa de cerca de 20 ex-hansenianos, que dividem espaço com igrejas, teatro e vários pavilhões fechados. O espaço não é mais caracterizado como hospital, embora na área exista uma unidade ambulatorial para a comunidade local, mantida pelo Estado.

O Hospital Colônia de Itapuã é ainda visitado durante cursos de capacitação em hanseníase oferecida pelas secretarias municipais e Estadual de Saúde aos trabalhadores da área e também por instituições educacionais em cursos de graduação e pós-graduação. As visitas são acompanhadas por um profissional técnico da Instituição.

Na nossa visita fomos acompanhados pelo Dr. Raul, médico responsável da Instituição. Os acadêmicos ficaram encantados pelo profissionalismo, na luta pelo preconceito e reinserção social dos moradores com sofrimento psíquico bem como dos ex-hansenianos. Nos reforçou a história do local, já discutido em sala de aula.

Chamou atenção dos acadêmicos na visita a beleza do lugar, a higiene nas dependências dos pacientes e a importância que a equipe técnica e moradores dão ao lugar.

Fazemos votos que o Estado continue investindo no local e que as pessoas que moram e trabalham neste local continuem sendo tratados com humanização. Quando o último morador sair do local, que a Colônia seja destinada para outros projetos sociais. Que a restauração dos prédios históricos aconteça pela importância do local para a sociedade e uma página da história da saúde pública. Professora do Curso de Enfermagem da Ulbra- Maria Renita Burg Figueiredo- disciplina de saúde coletiva.